A HISTÓRIA NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO/ EDUCAÇÃO

Ap
re
senta
ção

Já está virando lugar comum afirmar que se faz cada vez mais necessária a formação do cidadão crítico. E que a formação desse cidadão crítico é atribuição da educação. Algumas vezes, toma-se educação como um processo privativo da escola, num reducionismo que a realidade contemporânea já não comporta.

Educação é um processo social, no qual imergimos ao nascer. É no processo de educação, sobretudo através da palavra, que “recebemos” as análises da realidade feitas pelas gerações anteriores, os comportamentos, os estereótipos, o modo de ver e de pensar.

O processo educacional, porém, não tem apenas esta face. Com ele e nele aprendemos também a elaborar o novo, fazendo avançar a História. A palavra, um dos seus mais importantes sustentáculos, pois carrega a “prática social solidificada”, como diz Adam Schaff, realiza, na verdade, dois movimentos que se imprimem no processo de educação: no primeiro, ela faz a mediação entre o social, essa “prática solidificada” que carrega, e o indivíduo. Nesse movimento, forma a base do pensamento de cada um de nós e possibilita a continuidade do processo histórico. O segundo movimento caracteriza-se pela mediação que a palavra faz entre o individual (aquilo que recebemos das gerações anteriores e incorporamos) e o inovador, ou seja, a possibilidade que cada indivíduo tem de ser sujeito, de reelaborar, produzindo o novo, que se inscreverá num maior ou menor distanciamento do que já está e já é.

Essa inovação, esse novo configura-se como algo já virtualmente contido no social – espaço da história do tempo que vivemos.

Os agentes do processo educacional somos todos os que participamos de uma determinada comunidade, que vivemos no tempo e espaço de uma dada sociedade, que recebemos e reconfiguramos permanentemente a realidade. E hoje, essa realidade é atravessada pela presença dos meios de comunicação.

A AUTORA

Maria Aparecida Baccega

Professora Doutora do Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP. Especialista em Linguagem Verbal nos Meios de Comunicação. Autora de **Concordância Verbal; Artigo & Crase e Palavra e Discurso: História e Literatura.**

A condição de educar é própria da natureza desses meios, cada vez mais tecnologicamente desenvolvidos, o que lhes permite estar em muitos espaços ao mesmo tempo. Eles ocupam lugar privilegiado no processo educacional, ao lado da escola. Mostram às pessoas os fatos tal qual eles os editaram, tal qual os redesenharam. O fato, até chegar ao rádio, à televisão ou ao jornal, estar na fala do vizinho ou no comentário dos alunos, passou por uma série de filtros – instituições ou pessoas – “que selecionam o que vamos ouvir, ver ou ler; que fazem a montagem do mundo que conhecemos”.

Como já afirmávamos no nº 1 desta Revista, “editar é construir uma realidade outra, a partir de supressões ou acréscimos em um acontecimento. Ou, muitas vezes, apenas pelo destaque de uma parte do fato em detrimento de outra. É reconfigurar alguma coisa, dando-lhe novo significado, atendendo a determinado interesse, buscando um determinado objetivo. Fazendo valer um determinado ponto de vista”¹.

Se queremos formar o cidadão crítico, temos que nos preocupar, portanto, com as relações que seremos capazes de estabelecer com os meios. Buscar compreender seus mecanismos possibilitará a cada um de nós, a nossos alunos, a todos os que educamos e somos permanentemente educados que consigamos, a partir do que nos chega editado, selecionar o mais adequado para a elaboração do novo, tanto no que se refere à atribuição de importância maior ou menor aos fatos que nos apresentam quanto à crítica do ponto de vista a partir do qual cada fato é apresentado.

Uma das bases para que essa relação com os meios se efetive é o conhecimento da realidade em que vivemos. É ele que possibilitará estabelecer as inter-relações entre os fatos, ao invés de percebê-los como capítulos de mais uma novela.

Desse modo, pode-se verificar que comunicação/educação formam um único campo, para onde convergem, reelaboradas, as diversas áreas do conhecimento. É desse lugar que poderemos estabelecer relações críticas com a comunicação, quer ela seja veiculada pelos meios, quer ela se manifeste nas falas e nas ações dos outros membros do nosso grupo.

A História é uma das vertentes do campo comunicação/educação e ocupa lugar privilegiado na formação do cidadão crítico. Em outras palavras: as relações críticas com os meios de comunicação ocorrerão quando cada indivíduo conscientizar-se da sua condição de ser histórico, da História de seu mundo, da sua capacidade de fazer História.

Mas de que História estamos falando? Daquela disciplina que nos ensinaram na escola, como uma sucessão de datas e nomes, levemente relacionados a algum fato (ou acontecimento)? Uma realidade morta, acabada,

1 BACCEGA, Maria Aparecida. *Do mundo editado à construção do mundo*. Comunicação & Educação. São Paulo: CCA/ECA-USP/Moderna, nº 1, set./dez de 1994. p.7-8

WHITE, Robert (ed.). *Televisão como mito e ritual*. Comunicação & Educação. São Paulo: CCA/ECA-USP; Moderna, nº 1, set/dez de 1994, p. 47-55; e nº 2, jan./abr de 1995, p. 65-75.

presa nos livros, apresentada como uma realidade outra que corria paralela a qualquer ligação efetiva com a nossa vida.

Há não muito tempo (e, quem sabe, às vezes ainda hoje), a História era um disciplina secundária, que tinha um(a) professor(a) que mandava decorar o livro (que continha nomes e datas) para que soubéssemos responder na prova, a qual fazíamos apenas para não sermos reprovados. Havia sempre uma galeria de “heróis”, que eram os representantes do pólo dominante, dos que escrevem a História, a História oficial. Os que efetivamente fazem a História, os que trabalham anonimamente no cotidiano das cidades e do campo, esses não chegavam a essas aulas. Em nenhum momento se exercitava a reflexão, a inter-relação entre a História e as outras disciplinas, entre o passado e o presente. Futuro? Jamais. Ficava por conta do *destino*.

Afinal, para que se deve estudar a História? Por que estamos atribuindo-lhe tanta importância? Se a alguém ocorresse a idéia de que ela é estudada para que se aprenda como os homens resolveram determinados problemas no passado e aplicar tais lições no presente, isso seria um absurdo. Até porque estaria desprezada a característica básica do homem, que é a de fazer cultura, no sentido de atuar sobre o processo e elaborar novas realidades, modificando-se (trata-se do segundo movimento de mediação, a que nos referimos). Portanto, ainda que possam aparentar, os problemas não são exatamente os mesmos. Menos ainda as soluções. Decorrido um certo tempo, o homem acumula saber, o que o faz ter disponíveis um maior número de problemas e de possibilidades de solução. E isso o torna um outro homem.

Então, onde ficam as permanências? Não há lugar para a tradição?

Michel de Certeau diz que hoje existe “uma tomada de consciência (antropológica, psicanalítica etc.) de que a tradição, que se tinha relegado para um passado totalmente acabado, julgando assim expulsá-la, permanece e volta nas presentes práticas e ideologias. O morto continua assolapado na atualidade, assedia-a e determina-a. Nunca mais se acaba de matá-lo ou de exorcizá-lo”².

O passado está sempre atualizado no presente, reconfigurado em novas práticas, servindo de base – presente e passado – para planejar o futuro, que, afinal, aí está virtualmente contido, como já dissemos.

O estudo da História nos permite conhecer o passado, saber como os homens, em culturas diferentes, portanto com outros meios, lutaram por seus valores. Permite-nos, também, avaliar, interpretar como ocorreram as transformações do homem no seu relacionamento com o mundo, no processo de construção das sociedades. “Para que esse objetivo seja alcançado, é preciso ter ‘ouvidos para ouvir’ e ‘olhos para ver’ a História dos vencidos, dos silenciados pela força. Essa é a História que a História oficial não contempla.”³.

2. CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982. p.28.

3. BACCEGA, Maria A. **Palavra e discurso**: História e Literatura. São Paulo: Ática, 1995. p. 66

Para que resgatemos essa História, não basta que se busquem apenas os textos escritos. Como diz Febvre, “a História faz-se com documentos escritos, sem dúvida, quando eles existem; mas ela pode fazer-se sem documentos escritos, se os não houver. Com tudo o que o engenho do historiador pode permitir-lhe utilizar para fabricar o seu mel, à falta das flores habituais. Portanto, com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas. Com formas de cultivo e ervas daninhas. Com eclipses da Lua e cangas de bois. Com exames de pedras por geólogos e análises de espadas de metal por químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem”⁴.

O objeto do estudo da História são, portanto, “as ações humanas de todos os lugares e de todos os tempos, na medida em que tiveram ou ainda têm importância ou influência na existência e na estrutura de um grupo humano e, implicitamente, por meio deles, uma importância ou uma influência na existência e na estrutura da comunidade humana presente ou futura”⁵.

Esse é um dos caminhos para conseguirmos estabelecer as necessárias relações críticas com os meios e com a comunicação em geral, formando o cidadão crítico, o que é, sem dúvida, indispensável.

ARTIGOS NACIONAIS

Virgílio B. Noya Pinto é historiador. E é nessa condição que ele caminha pelo campo da comunicação/educação, tratando da imagem, comunicação eficaz, instantânea. Começa seu artigo *História e imagem, metamorfoses* esclarecendo que vai falar a partir do “mundo contemporâneo”. “Sempre parto dos problemas da atualidade para pensar na História, no seu desfiar, no seu processo.” E é desse lugar que ele vai nos apresentar a História: das cavernas até à década de 50, usando, para tanto, das imagens que sucessivamente o homem foi construindo de si próprio e mostrando como cada mudança nessa imagem tem como referência a realidade histórica que o homem está vivendo e ajudando a construir, a modificar.

Nesse momento em que os mais sectários chegam a afirmar que vivemos a era das imagens (como se elas fossem alguma coisa em si), este artigo é altamente oportuno, por revelar que a imagem é sempre resultado e ponto de partida das várias forças sociais que atuam no período em que ela se constrói. E que o conhecimento dessas forças sociais permite que a leitura e a fruição da imagem sejam mais adequadas. Nesse processo, certamente nos descobriremos com uma percepção diferenciada ao vermos desfilar diante de nós a fartura de imagens com que os meios povoam nosso tempo.

4 FEBVRE, Lucien. *Profissões de fé à hora da partida*. In: **Combates pela História**. Trad. Leonor M. Simões e Gisela Moniz. 2.ed. Lisboa: Presença, 1985. p. 249.

5 GOLDMANN, Lucien. **Ciências humanas e filosofia**. Trad. Lupe Cotrim e J. Artur Gianotti. São Paulo: Difel, 1967. p. 23

Qual a importância da História dos que fazem História para a leitura dos meios de comunicação? Que se pode fazer para que “os ouvidos ouçam” e “os olhos vejam” a História que a História oficial não contempla e aproveitá-la para o estabelecimento de relações críticas com os meios? Luís Roberto Alves fala sobre isso em *Comunidade e escola, memória e produção cultural*. Ele nos conta do trabalho que vem desenvolvendo numa escola pública paulistana, com professores, alunos e a comunidade, o qual, por um lado, “permitirá à comunidade escolar rever-se como centro de cultura, lugar ecumênico de criação simbólica, espaço para a crítica da cultura de massa e das formas tradicionais de vida na dinâmica urbana”; por outro, “será referência para os estudos de recepção, isto é, como vêm e lêem a TV os estudantes”.

A produção do pensamento crítico na área da educação é objeto da análise de Oswaldo H. Yamamoto, no artigo *Educação e tradição marxista no Brasil*. Num mergulho histórico que contextualiza as origens políticas dessa produção brasileira, o artigo vai mostrando os autores que mais influência exerceram na nossa realidade, como Gramsci, Althusser, Baudelot e Establet, Snyders, chegando ao Centro de Estudos Culturais de Birmingham, na Inglaterra, ao italiano Mário Manacorda, entre outros. Discute o papel dos intelectuais brasileiros na oposição à ditadura militar e faz a análise da produção crítica em educação de vários autores brasileiros.

Trata-se, sem dúvida, de uma contribuição indispensável a todos os que estamos empenhados nos trabalhos do campo comunicação/educação. Afinal, o artigo trata de “ações humanas” (....) “que tiveram ou ainda têm importância ou influência na existência e na estrutura de um grupo humano”. Possibilita-nos perceber o movimento do processo de conhecimento na área da crítica de educação, uma vez que desvela caminhos que resultaram na nossa atual reflexão.

Existem ações humanas que, apesar de comporem a nossa condição de brasileiros, acabaram por ser relegadas a planos inferiores, gerando a marginalização de seus atores: estamos falando dos negros. Este é o tema de que trata Dilma de Melo Silva, no seu artigo *Identidade afro-brasileira: abordagens do ensino da arte*.

A autora nos fala da produção artística da África negra, a qual “remonta de séculos antes da chegada dos europeus”, e apresenta, inclusive, “algumas categorias de análise da filosofia banto que nos auxiliam a entender melhor a estética africana”.

Revelando a importância da arte negro africana, “o conhecimento da riqueza cultural e estética das sociedades africanas e seus desdobramentos na diáspora”, o artigo colabora, certamente, para a eliminação de alguns estereótipos, entre os quais o da “superioridade de um grupo humano sobre outro”. Desse modo, está colaborando para maior criticidade nas nossas relações com os meios de comunicação.

Até há não muito tempo, a palavra museu trazia a nosso olfato o cheiro de formol, numa reação orgânica à concepção de que em museu só havia

coisa velha, imprestável, não se sabendo bem por que eram guardadas. Quantos museus foram desalojados de seus espaços para que esses fossem cedidos a outras atividades “mais produtivas”.

Como diz Adriana Mortara Almeida, em seu artigo *Desafios da relação museu-escola*, “museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, que adquire, preserva, documenta, pesquisa e comunica para educação e lazer”.

Embora a função de complementaridade ao ensino escolar não seja a única de um museu, a autora trata das relações entre educadores de museus e professores, nos diferentes tipos de museus: de ciências exatas, humanas e biológicas.

No museu, encontramos-nos com a História. Afinal, como diz Febvre, a História se faz “com tudo aquilo que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem”.

ARTIGO INTERNACIONAL

Guillermo Orozco, renomado pesquisador latino-americano do campo comunicação/educação, é o autor do artigo deste número: *Professor e meios de comunicação: desafios, estereótipos e pesquisas*.

Na disputa entre a escola e os meios de comunicação para saber quem está ocupando mais tempo no processo de educação, ganham os meios. E quanto à eficácia? E como fica, então, a relação educação/ entretenimento? E a escola, que deve fazer?

Segundo o autor, muitos continuam a “pensar que os MCM, e em particular a TV, são uma ‘caixa idiota’ e que por conseguinte há que se mantê-los o mais longe possível da escola e dos processos educativos”; ou que “a escola é a única instituição legítima para educar”, entre outras afirmações.

Diante disso, “a recomendação é construir um juízo muito menos maniqueísta e muito mais integrado”, aprendendo-se “a coexistir em um cenário cultural plural”, pois nenhuma instituição ou pessoa, na contemporaneidade, têm garantida a exclusividade das funções educativas.

ENTREVISTA

Na História dos meios de comunicação no Brasil, Mário Fanucchi ocupa lugar de destaque. Ele participou da construção do rádio e teve papel extremamente importante na configuração da televisão. Além disso, foi, durante décadas, professor da Escola de Comunicações e Artes da USP. É ele o entrevistado deste número.

Em *A nossa próxima atração*, entrevista realizada por Roseli Fígaro, Mário Fanucchi, o homem que inventou o indiozinho da **Tupi**, conta a

história de um longo período: de 1945 até nossos dias. Trata-se de uma história narrada, criticamente, por quem ajudou a fazer esta história.

CRÍTICA

Izaías Almada, jornalista, escritor e roteirista, escreveu para nós *A companheira Maria*, crítica do filme **O que é isso, companheiro**, de Bruno Barreto, com roteiro de Leopoldo Serran. Esse filme trata de um período em que tortura e morte de opositores da ditadura acabou por constituir-se numa "normalidade". Trouxe para discussão questões como relações entre ficção e realidade e *autonomia* da arte, entre muitas outras. Izaías Almada viu e nos conta o que viu.

DEPOIMENTO

Dessa vez o depoimento é de um jornalista – Moisés Santos – que optou por trabalhar com assessoria de imprensa. É sobre a importância dela, tanto no setor público quanto no setor privado, que ele nos fala. O autor, em *Assessoria de imprensa no processo informativo*, destaca, entre outros aspectos, a importância do *release* como mediador da informação coletiva.

EXPERIÊNCIA

Alunos de sexta série produzem uma revista é a boa notícia que Sílvia Ferreira Lima nos dá. Para completar, ainda ela conta tudo sobre como chegar ao final desse processo com êxito, sem, contudo, descuidar dos conteúdos programáticos do curso. Ao contrário, ao aliar esses conteúdos ao trabalho de edição de uma revista, os alunos mostraram-se mais estimulados ao aprendizado.

POESIA

A poesia deste número é de Patativa do Assaré, cearense de 88 anos, homem do campo. Voz dos que não têm voz, ele vai escrevendo a História com poesia. É o que podemos ver em *Resposta de patrão*.

SERVIÇO

Também neste número você poderá conhecer melhor o *Instituto de Estudos Brasileiros da USP*. Marta Rossette Batista, diretora do Instituto, é

quem nos apresenta seu acervo e seus serviços. Fundado por Sérgio Buarque de Holanda, em 1962, ele conta com um grande acervo em seu *Arquivo*, em sua *Biblioteca* e em sua *Coleção de Artes Visuais*. A visita ao IEB é sempre um prazer.

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO

Na seção *Videografia*, Maria Inês Carlos Magno traz a discussão sobre a revolução industrial, tema ampliado para as questões tecnológicas, mostrando as mudanças e permanências que caracterizam a produção capitalista, utilizando-se de filmes que vão de **Tempos Modernos** a **Johnny Mnemonic**. Continuamos a publicar a *Bibliografia sobre a telenovela brasileira* e a *Bibliografia na área de Comunicação e Educação*, de Anamaria Fadul e Ismar de Oliveira Soares, respectivamente. Segundo depoimentos de leitores, elas têm sido bastante úteis.

Resumo: A autora discute a importância da História na construção do campo da comunicação/educação. Analisa a História e o conhecimento histórico como condição para relacionar os fatos do passado ao presente, percebendo-se as mudanças, as permanências e de que maneira elas atualizam-se no cotidiano, gerando o futuro. A compreensão da História no campo da comunicação/educação é ainda mais importante na atualidade, devido à preponderância dos meios de comunicação no relato da versão dos fatos, à medida que eles estão em muitos espaços ao mesmo tempo, desempenhando a sua função educativa.

Palavras-chave: comunicação/educação, História, meios de comunicação

Abstract: The author discusses the importance of History in building the Communications/Education fields. She analyses History and historical knowledge as a condition in order to relate past facts to the present, noticing, by this, the changes - and things that have not changed - and how these are updated day by day, managing the future. The capability of understanding History in the Communications/Education fields is even more important nowadays due to the preponderance of the mass communication to relay the version of happenings, keeping in mind that they are in many spaces at the same time, carrying out their educational function.

Keywords: communication/education, History, mass communication